

Ainda sobre os "dumba nengue"

Estavam perfeitamente localizados e, por isso mesmo, talvez controláveis e combatíveis, pelo menos até meados do ano passado. De repente, porém, os «dumba-nengue» — nome por que são conhecidas em Maputo as grandes e pequenas aglomerações de vendedores fora dos mercados oficiais — multiplicaram-se de tal maneira que hoje constituem verdadeiros obstáculos ao trânsito dos cidadãos que utilizam os passeios das ruas e avenidas, durante o seu vaivém quotidiano. Tem havido, inegavelmente, duas reacções da comunidade: por um lado, cumplicidade e resignação por parte de quem vê nos «dumba-nengue» uma alternativa popular face à alta dos preços oficiais e, por outro, repressão contra os «mercandonqueiros». Parece, no entanto, que nenhuma destas atitudes constitui solução para a questão da autêntica invasão da via pública pelos vendedores de quinquilharias.

A sobrevivência em tempo de maior oferta e subemprego

Domingo 6/11/86
p. 6, 11

★ Reprimir vendedores só por si não é resolver o problema

por Albano Nazarenele (texto) e Domingos Elias (fotos)

Há um grupo de mulheres, de todas as idades, que costuma estar em dois locais distintos e em alturas diferentes. Ou seja, na esquina da Av. Filipe Samuel Magela com a Zedequias Manganhala e à porta da Padaria e Pastelaria Aziz; das seis às 11 e das 12 às 14 horas, respectivamente.

Trazem sempre consigo cestos ou sacos, com o seguinte conteúdo: estão abertos e cheios de produtos diversos quando as suas proprietárias se encontram no primeiro local, mas ficam fechados em frente da pastelaria.

Na esquina, o grupo de mulheres toma o nome de vendedeiras, termo que popularmente passou a confundir-se com «candonqueiras». Mas à porta da Padaria e Pastelaria Aziz, elas são membros de uma família bicha para pão, ou coisa do género, formada por cidadãos hipotéticos e carentes de alternativas.

A concentração de vendedeiras que se verifica na esquina já citada é apenas um caso, talvez o menos representativo, entre numerosos exemplos dos já consagrados «dumba-nengue» disseminados pelas praças, esquinas, passos de varandas, entradas de prédios, corredores e domínios da capital do País.

A esquina e a Padaria Aziz, podem ser considerados como os símbolos de dois extremos de um ciclo vicioso.

Durante um recente giro pela cidade de Maputo, a nossa reportagem registou o facto de serem as mulheres quem representam a maioria das pessoas que vendem nos «dumba-nengue». Nesta maioria, o grosso das vendedeiras são originárias das zonas rurais.

Este último aspecto é perfeitamente verificável no facto dos produtos vendidos pela maioria das mulheres serem também de origem rural, tais como carvão, maçaroca, amendoim e raízes medicinais, entre outros produtos. Além disso, grande parte destas mulheres não leva somente produtos para os mercados ilegais, mas igualmente tudo quanto lhes pertence, incluindo os filhos. Daqui a razão por que, não tendo casa em parte nenhuma da urbe, até passam as noites nos «dumba-nengue».

Partindo deste facto, não é arriscado afirmar que a presença cada vez mais numerosa de deslocados de guerra e das camaradas natu-

rais na capital é a primeira explicação do alastramento de «mercandinhos» em toda a parte.

Uma pequena sondagem efectuada pela nossa reportagem na esquina da «Filipe Samuel Magela» com a «Zedequias Manganhala», em três dias consecutivos e mais ou menos à mesma hora — entre as 9 e as 10 horas — indica que em cada cinco mulheres, pelo menos três não se encontram a viver na cidade há mais de um ano e meio.

Depois das mulheres, o grupo mais numeroso imediatamente a seguir é formado por crianças a partir dos quatro anos de idade sensivelmente. Segundo pudemos constatar, em conversa com os pequenos vendedores dos «dumba-nengue», estes diferem dos chamados «marginiais», na medida em que, enquanto os últimos se assumem como tais (ou são obrigados) em todo o processo de sobrevivência, fora do lar dos pais, os primeiros são «empregados» das respectivas mães, tias, madrastras, tios e outros familiares com quem vivem.

Este é, por exemplo, o caso de Paito Sócrates Américo Nhamumbo, mais conhecido por Sócrates entre a clientela que, com quatro anos, já torce o pepino no Bairro da Polana; às ordens da mãe, que se encontra sempre dentro de casa, o giroto serve «ninha» aos numerosos e por vezes boçais clientes, a quem cobra o respectivo dinheiro e restitui os trocos. Isso, além de discutir com eles questões de vários calibres, exige do diferentes soluções.

Entretanto, os dois grandes grupos de vendedores nos «dumba-nengue» têm em comum, entre outros, dois aspectos. Em primeiro lugar são completamente indiferentes à estética de montagem e localização de mercados e, em segundo, o único objectivo dos seus negócios não é a acumulação do dinheiro, mas a sua obtenção como elemento fundamental na luta pela sobrevivência urbana.

Quer um quer outro aspecto confirmam que as camponesas e as crianças não só não encontram qualquer prazer em vender coisas nas nos «dumba-nengue», como também esta actividade constitui uma violentação dos seus hábitos,

num meio onde esperavam refúgio e melhoria da vida.

CAMADA FINA

A terceira camada de vendedores dos «dumba-nengue» é constituída por indivíduos com experiência de vida urbana. Este grupo — desenpregados ou desertores de empregos oficiais e bancas de venda nos mercados legais — desenvolve uma actividade comercial perspectuada no sentido do lucro.

Curiosamente foi este grupo, por sinal, «minoritário», que juntou os «dumba-nengue». Recorde-se, pois que a «Intermetal», surgida nos anos 84/85, reservava o seu espaço privilegiado para os vendedores de precosidades urbanas, ou negociantes de mercadorias chorudas como redes de pesca, televisores, aparelhos musicais, tecidos de malha, bebidas alcoólicas, entre outras necessidades consideradas de luxo na altura.

Nos nossos dias, tal como é possível constatar em qualquer lado e por qualquer um, a fama do grupo já não se deve à venda de produtos raros, graças ao PRE que permitiu o reaparecimento de quase tudo cá fora. Eles existem agora tendo como suporte a concorrência denodada ao comércio oficial, cuja alta dos preços tem fugitado os clientes para os «dumba-nengue».

Daí que uma coisa é indubitavelmente certa: estes vendedores, para terem que vender todos os dias, necessitam de ter, e têm, vínculos ainda fortes com intermediários tradicionais, que intervêm nas unidades de produção ou de fornecimento donde são originárias as mercadorias.

Enfim, estamos perante a «camada fina» desta história da implantação e institucionalização dos «dumba-nengue». Interessante é notar o por menor segundo o qual a «camada fina» só faz o seu negócio nas grandes aglomerações, tais como nos já aparentemente irremovíveis «dumba-nengue» de Mafalala, Maviane e outros. Recorde-se que estes locais estão, regra geral, próximos de mercados oficiais, embora sejam bem distintos destes.

Por outro lado, quando seja necessário criar um pequeno «dumba-nengue» numa zona propícia à venda de «finzas», como acontece no

«Scala», por exemplo, os respectivos vendedores não se misturam com as tímidas camponesas isoladas, que também tentam encontrar mercado ali nas proximidades para as suas maçarocas.

CLIENTES

A outra componente dos «dumba-nengue», que não é menos importante que os vendedores, é a clientela. Largamente heterogênea, e sempre confrontada pela subida contínua do custo de vida, ela é, mais que resignada, a maior cúmplice do enraizamento e proliferação dos «dumba-nengue» na cidade de Maputo.

Com efeito, embora lhes seja cada vez mais difícil transitar pelos passeios das ruas e avenidas, os cidadãos passaram a discutir menos com os vendedores dos «dumba-nengue» do que com os agentes do comércio oficial.

Um comerciante da Mafalala, que nos pediu o anonimato, disse há dias à nossa Reportagem que esboçou por um triz de uma sova exemplar, algumas horas depois de ter ajudado um agente da Polícia a descobrir um saco de pão escuro

dado por um candongueiro. Este vende habitualmente em frente da loja daquele comerciante.

Parece ter mudado o nível de diálogo entre os candongueiros e o público. Os vendedores dos «dumba-nengue» puseram de lado os modos arrogantes que os caracterizavam antes, e passaram a conversar com este para conseguir vender os produtos.

— Já não é preciso suplicar ao candongueiro — dizia nos uma jovem por nós interpelada na paragem de machimbombos «Ronl», onde também funciona um próximo «dumba-nengue». Agora são eles que nos pedem o favor de comprar as suas quinqui-harias.

Só que, provavelmente, a actual explosão da oferta não dá tempo para completar a delicadeza dos vendedores com um nível mínimo de disciplina e estética comerciais.

MEDIDAS REPRESSIVAS

Em 1985, uma operação policial parecia ter eliminado de uma vez por todas a «Intermetical», o primeiro grande mercado não oficial que surgiu em Maputo, e que funcionou na Praça 16 de Junho

Segundo rezam crónicas da altura, uma importante brigada policial, apoiada pelas estruturas políticas e administrativas, irrompeu de surpresa, numa manhã, pela «Intermetical», apreendendo todos os produtos expostos, que depois foram postos à venda pública no próprio local.

Testemunhas oculares disseram na altura que os candongueiros, que na altura eram odiados devido aos preços que praticavam, foram postos em debandada pela brigada policial. Esta medida foi amplamente aplaudida pela população da cidade, mais por emoção do que por convicção.

Um ano depois, sensivelmente, a antiga «Intermetical» reapareceu precisamente no mesmo local, mas desta vez com o nome de «dumba-nengue». Tal facto autoriza-nos a concluir que a «Intermetical» nunca chegou a ser eliminada pelas medidas tomadas por aquela brigada.

Muito recentemente, a Direcção dos Serviços Urbanos do Conselho Executivo da Cidade de Maputo, anunciou que está a estudar as formas correctas e adequadas de dis-

ciplinar a venda nas esquinas da cidade, combatendo a proliferação dos «dumba-nengue».

Amaral Matos, o respectivo director, revelou que a sua direcção decidira, semanas antes, fazer uma limpeza a pene-fino das aglomerações de vendedores na via pública.

Mais ou menos à semelhança do que se passara na «Intermetical» em 1985, a «Limpeza» do Conselho Executivo consistiu na apreensão dos produtos e a sua venda nos mercados oficiais mais próximos, revertendo os lucros a favor desses mesmos mercados.

Outra forma de combate aos «dumba-nengue», que é frequente ver-se nessas aglomerações pela cidade, desenrola-se da seguinte maneira: agentes policiais surpreendem os vendedores numa esquina, mas, em lugar de apreenderem os produtos, ordenam às crianças que se apoderem de tudo.

Durante uma cena idêntica, a que assisti na esquina da Av. Agostinho Neto com a Vladimir Lênine, onde funciona um pequeno «dumba-nengue», foram utilizados os garotos que habitualmente são chamados de «marginais» ou «moque-

nes». O espectáculo assume quase sempre proporções violentas, na medida em que certos vendedores não ficam de braços cruzados. Enchendo-se de coragem, esquecem os agentes da Polícia que os controlam e investem à pancada contra os «assaltantes».

Informações registadas há algum tempo atrás, indicam que nos primeiros anos do surgimento dos «dumba-nengue», as crianças marginalizadas eram aliadas dos vendedores. Alertavam estes de qualquer aproximação da Polícia e até saíam candongueiros em apuros. Ou seja, dificultavam, com a sua numerosa presença e ensurdecedor barulho, os movimentos dos agentes da autoridade, enquanto os seus aliados se punham ao fresco.

Voltando às recentes declarações do Director dos Serviços Urbanos de Maputo, ficou esclarecido que não é objectivo do Conselho Executivo impedir que as pessoas vendam o que quiserem. Pretende-se apenas disciplinar essa actividade, o que implica a colocação dos vendedores e os seus produtos nos mercados existentes para o efeito. Entretanto, vários desses vendedores, interpelados pela nossa Re-

portagem, disseram-nos que não querem ir aos mercados oficiais porque lá a gente tem que pagar imposto, mas aqui na rua não. Outros disseram-nos que já não existem bancas disponíveis nesses mercados.

Este último argumento não parece sustentável, na medida em que muitos vendedores das ruas, com quem falámos, disseram-nos que abandonaram as bancas e vieram trabalhar na via pública, porque lá já não têm negócio.

É importante referir que o combate a estes vendedores na via pública é extremamente difícil em qualquer parte do mundo, sobretudo quando o subemprego e, no nosso caso, a numerosa presença dos deslocados de guerra e das calamidades naturais, são a causa principal da renitência dos «dumba-nengue».

Eis o motivo por que é louvável a decisão do Governo da Cidade de Maputo de interromper temporariamente as operações anti-«dumba-nengue» para ponderar sobre a situação. Na verdade, a repressão só por si já mostrou ser ineficaz e incapaz de conter a actividade dos mercados não oficiais.